

A negação do holocausto vista à luz da Teoria da História: Uma análise dos trabalhos “negacionistas” enquanto História e suas conseqüências para a epistemologia. (De Rassinier ao *Historical Review*).

NARCIZO, Makchwell Coimbra; BERBERT JUNIOR, Carlos Oiti.

Faculdade de História

Makch01@hotmail.com

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas Reuni de Assistência ao Ensino

Palavras chave: Holocausto; História; Negacionismo.

Introdução: O holocausto foi negado pela primeira vez em um livro em 1951 por Paul Rassinier, especificamente com o livro: *A Mentira de Ulisses* (2003). Os Negacionistas constituíram-se em um grupo articulado depois disso, tendo como seu principal nome Robert Faurisson, o referido autor ganhou notoriedade na década de 1970 quando publicou no *Le Monde* os artigos: *O Problema das Câmaras de Gás e o Rumor de Auschwitz* (1978); *Uma Carta do Sr. Faurisson* (1978); *Uma Prova, uma Única Prova* (1978). De lá pra cá as idéias e as formas argumentativa desses dois autores orientam os “Negacionistas do holocausto.”

Faz-se necessário estudar os “Negacionistas do holocausto” em História porque esses tentam se afirmar como História buscando desvalidar a forma como essa é tradicionalmente feita.

Material e Métodos: É importante ressaltar que a presente pesquisa é feita no campo da epistemologia dialogando com a História das Idéias, trabalhando os argumentos de pensadores que propõem analisar a questão da capacidade da História apreender o passado, em especial os que tratam a questão do holocausto nazista e os problemas explicitados por esse evento à discussão. Também é feita uma análise de obras dos dois principais autores negacionistas.

Sobre o material trabalhado na presente pesquisa destacamos 3 blocos:

1. Trabalhos que refletem acerca dos problemas epistemológicos explicitados pelo estudo do holocausto nazista, dentre eles a possibilidade de um grupo que o negue. Nesse grupo damos destaque especial para a coletânea de Saul Friedländer (1992) que debate acerca dos limites e possibilidades trazidos à História pelo estudo do holocausto nazista; 2. Trabalhos que tratam aspectos metodológicos que caracterizem a ciência histórica. Para tal, fazemos uso especialmente de Jörn Rüsen

(2001; 2007), para referenciar uma razão específica que permeia o pensamento histórico; 3. Trabalhos dos negacionistas do holocausto propriamente dito. Dentro desse bloco é dado destaque para as obras dos dois principais autores negacionistas: Paul Rassinier (2003), Robert Faurisson (1978).

Resultados e Discussão: O holocausto, sobretudo, nos alerta que a História não é meramente enumeração de fatos, nos faz refletir sobre a função da História, sua utilidade, necessidade e aplicabilidade. Chama-nos a atenção para o fato de que a História é algo mais que meramente lembrar, envolto a isso está toda uma reflexão sobre o “fazer História”. Essas questões ficam claras por ser o holocausto um “evento limite”, tais eventos explicitam as fragilidades do pensamento Histórico.

A negação do holocausto vem perturbar a relação entre História e verdade, na qual se insere a averiguação dos vestígios e a cientificidade dessa análise. Assim, o holocausto revigora uma importante discussão em História, a discussão acerca da cientificidade do conhecimento histórico, na medida em que há uma perturbação da ordem estabelecida entre razão e fatos. Os negacionistas procuram fazer uso de argumentos racionalmente ordenados para afirmar a impossibilidade e conseqüentemente a inexistência do holocausto.

No que diz respeito a resultados concretos da presente pesquisa devemos fazer algumas pontuações sobre a concepção dos referidos autores acerca de alguns posicionamentos no que tange o fazer História:

	Paul Rassinier	Robert Faurisson
Câmaras de gás	Defende veementemente a inexistência de tais câmaras, embasando-se na falta de provas que corroborem os argumentos dos que defendem sua existência. Para ele, não existiam câmaras de gás nos Campos e os crematórios eram utilizados apenas para dar fim a cadáveres de morte natural e acidentes.	Não nega a existência das câmaras de gás, nega sua função. Isso é interessante, pois quando veio escrever seus artigos já haviam encontrado câmaras na maioria dos Campos de Extermínio. Passa a negar então sua função, defendendo que jamais foram usadas com o fim de extermínio, se ocorreram mortes foram por acidente.

Testemunhos	Ataca a forma com que os historiadores trabalham os testemunhos. Para o autor, uma história falsa é feita usando testemunhos falsos.	Defende que testemunhos são em sua maioria descartáveis, já que são carregados de impressões pessoais e subjetividades rejeitáveis.
Documento	Afirma não haver documentos suficientes para um estudo dos Campos Nazistas que comprovem o holocausto. Um documento pode ser interpretado, mas na medida em que for feito vai perdendo credibilidade.	Faz uso do mesmo argumento, mesmo com a descoberta de novos documentos, considerando que passaram-se 20 anos. Para ele um documento não pode ser interpretado, devendo ser tratado apenas em sua literariedade.
Verdade	Para ele existe uma verdade que deve ser buscada a qualquer custo, tudo que não concordar com ela deve ser desprezado.	Pauta seus argumentos sob a mesma noção de verdade absoluta.
História	Para o autor existiria uma “falsa história do holocausto”, assim, o que ele inicia é uma luta contra uma história falsa, contra o que ele chama de “a lenda do holocausto”.	Também acredita haver uma “história falsa”, ataca o que chama de “história oficial”, argumentando que “fábulas” do tipo do holocausto permeiam toda a História da Humanidade.
Teoria da História	Parte de uma Teoria da História em que o historiador deve limitar ao máximo o uso de aparatos estilísticos, pois por objetividade entende que a História deve ser feita com os historiadores meramente enumerando fatos.	Acredita que o papel do historiador deve ser meramente de enumerar os fatos.
Argumento biológico e	Faz uso de ambos os argumentos, em especial sobre a “Conspiração	Faz uso de ambos os argumentos, em especial sobre a “Conspiração

mitológico	Mundial dos Judeus”.	Mundial dos Judeus”.
Impossibilidade de lógica do holocausto	Faz uso da impossibilidade lógica para o encadeamento dos fatos, que consiste na principal estratégia usada pelos negacionistas até hoje. Na qual sustentam que tal evento é impossível de se comprovar porque o possível é sempre alcançado pelo impossível, assim a verificação do acontecimento é impossível.	Estende em muito esse argumento. Afirma que se não há nenhum contrato que especifique a construção de câmaras para tal fim, ou a compra do Ziklon B para essa finalidade e como ninguém sobreviveu ao gaseamento não se pode comprovar que tal fato ocorreu. Defende que apenas um morto que ressuscite pode comprovar a utilização das câmaras de gás para extermínio.
Estilo da escrita	Ao escrever suas memórias usa uma escrita estilística, buscando chamar a atenção do leitor através de um rebuscado estilo literário. Ao tratar de testemunhos alheios, critica o uso de tais artifícios, acusando seus autores de falta de objetividade.	A escrita de Faurisson é bem mais direta que a de Rassinier, faz pouco uso de artifícios literários e estilísticos para embelezar sua escrita ou para prender o leitor. Nota-se o uso de argumentos soltos em sua escrita, sem ter a nenhuma conexão com o todo do texto.

Após uma busca por essas características e concepções dentro das obras dos autores em destaque, ressaltamos que a forma com que criticam o modo como a história do holocausto é feita passa por uma noção de História bastante peculiar, noção essa que busca um trato aos vestígios do passado que anula o historiador. É compreensível que Rassinier pensasse assim na década de 1950, entretanto, tal noção é incompatível com as transformações ocorridas em História desde então, tornando inaceitável que os negacionistas ainda tenham essa concepção de História, na qual excluem a validade de trabalhos que não forem feitos dessa maneira.

Conclusões: Os negacionistas trazem problemas aos historiadores não meramente com seus argumentos, mas também pela forma como os apresenta, em uma análise mais detalhada nota-se que esses se pautam por uma metodologia. Em seus

trabalhos podemos encontrar: uma exigência de documentação inequívoca de fatos e testemunhas, uma interrogação de documentos e uma objeção racional, o que convenhamos se adéquam as exigências do meio científico.

Por isso, devemos tomar cuidado com as armadilhas que seus argumentos podem nos proporcionar, pois, não se pode confundir pesquisa racional com propaganda, visto que, para a primeira é necessário preservar os compromissos com a distinção entre verdadeiro e falso. Como os revisionistas dizem que estão fazendo História e, na História, a legitimidade da crítica e da interpretação é condicionada pelo pressuposto factual e contextual, é determinante que o pesquisador seja rigoroso com relação aos meios que podem levá-lo a distinguir realidade e aparência.

Assim, cabe a nós historiadores separarmos o que é panfletagem política e o que é minimamente aproveitável como história. Não é porque hora ou outra usam os mesmos artifício que usamos para fazer história que a negação o holocausto se torna história. Ao mesmo tempo, é importante pensarmos e problematizarmos as formas de lembrar, os registros da memória e da História, de forma que o holocausto seja lembrado e problematizado para que possamos constituir uma História que verdadeiramente sirva de auxílio para a vida humana prática.

Referências Bibliográficas

COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?* Análise dos Protocolos e outros documentos. São Paulo: IBRASA, 1969.

FAURISSON, Robert. *Auschwitz: O Problema das Câmaras de Gás e o Rumor de Auschwitz; Uma Carta do Sr. Faurisson; Uma Prova, uma Única Prova.* 1978. In: <http://www.vho.org/aaargh/faurisArch/RF78-79.html> Acesso em: 24 jan. 2010.

FRIEDLANDER, Saul (Org.). *Probing the Limits of Representation: Nazism and the "Final Solution"*. Cambridge; London: Harvard University, 1992.

MILMAN, Luis / VIZENTINI, Paulo F. Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre: EdiUFRGS, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento: política e filosofia.* São Paulo: Ed. 34, 1996.

RASSINIER, Paul. *La Mentira de Ulises.* Barcelona: l'AAARGH, 2003.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: Teoria da História, os fundamentos da ciência histórica.* Brasília: UnB, 2001.

_____. *Reconstrução do Passado: Teoria da História II, os princípios da pesquisa histórica.* Brasília: UnB, 2007.